Sobre os ornamentos das praças (Mário Ypiranga Monteiro)

Iniciamos pelos mais antigos logradouros. O largo, depois praça, mais falado foi certamente o da Trincheira, também conhecido por da Fortaleza da Igreja (adro ou àgora). Nada havia ali de interessante a não ser o pelourinho, uma coluna de madeira. Houve depois, ao que consta, sem documentos à vista, uma estela comemorativa da proclamação da Independência, pelo que a pracinha passou a ser oficialmente Nove de Novembro, mas era também brasonada da Aclamação. Em 1850, o pelourinho foi posto abaixo por machado, sem nenhum ato oficial, pela madrugada, empresa de algum revoltado. O último ornamento dessa praça foi a herma do desditoso Dr. Hebert de Azevedo, filho do Dr. Raul de Azevedo, abatido a tiros quando prefeito de Coari. A praça recebeu o nome do esperançoso jovem, mas não durou muito tempo a homenagem: a revolução nacional de 1930 destruiu a herma e atirou ao rio o busto de bronze, que o pai mandou resgatar depois. Em seguida vem a sua extensão, chamada largo do Quartel, e cujo nome oficial sempre foi largo (depois praça) de Dom Pedro Segundo, a quando da maioridade do Imperador. Como ornamento, sobraram alguns lampiões primitivos. Existe ali uma estela astronômica. Na planta em cores traçada pelo presidente João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, vem assinalado bairro da República, o que me causou certa surpresa até saber que se tratava apenas de brasão, contrário ao bairro em formação denominado Cidade, hoje praça de Tamandaré. Na gestão municipal do coronel Adolpho Lisboa a praça recebeu o quiosque, bancos de madeira e ferro, alfobres floridos e foi cercada de mureta e gradis de ferro, que ainda alcancei ver quando menino. Plantou-se nela a fonte luminosa cujos restos a pirataria governista posterior fez desaparecer num golpe de mão audacioso. Um dia eu escreverei o nome deles em caixa alta. O projeto de embelezamento da praça é do engenheiro paisagista francês, monsieur Léon Paulard.

Em termos de antigüidade vem o largo da Campina, uma capoeira mal-afamada, refúgio de escravos ociosos, que passaria a chamar-se Largo da Pólvora, quando o governo federal resolveu transferir para ali o trem de guerra, da rua do Trem (atual do Frei José dos Santos Inocentes). Somente a partir do término da guerra com o Paraguai é que o largo passa a ser praça do General Osório, e melhorada para receber a estátua do homenageado, que não passou do papel. No ano de 1865 começa a ser construído o quartel do Terceiro Batalhão de Artilharia-a-Pé, que antecedeu ao 5º Batalhão, 36 BC, 48 BC, 27 BC, 26 BC, hoje Colégio Militar. Na gestão municipal do amazonense Dr. Jorge de Morais (médico), a praça foi aformoseada com nova jardinagem, calçamento lateral de mosaicos negros de relevo, e de um coreto todo de concreto armado sobre estrutura de ferro (inclusive o teto fingindo palmas, que não era de zinco como disse certo turista da história da cidade), tudo em fingimento vegetalista. A bacia do coreto recebera alguns animais da fauna aquática, peixes ornamentais e um peixe-boi. Sob a ponte fingindo troncos de madeira, o artista esculpira em comento parte de um jacaré e a

cabeça vigorosa de uma "pintada" em atitude de devorar-lhe a cauda, que não aparecia. Na gestão muito proveitosa do médico paraense Dr. José Francisco de Araújo Lima o jardim foi todo reformulado e o prefeito mandou construir o Odeon, de frente para o quartel, a fim de que a banda do 27 BC deliciasse a população com as famosas retretas, aos domingos e feriados, à noite. A propósito, uma artista que está escrevendo tolices sobre Manaus, bolou as trocas, apresentando esse Odeon como sendo pérgola que o mesmo prefeito construiu na praça da Saudade. Tudo aquilo foi varrido, como se um vento mau houvesse passado, quando assumiu o comando do 27 BC um coronel Tancredo. A praça, que era patrimônio público, foi transformada em campo de esporte, com piscina e etc. À época desgovernava o Estado o magnânimo professor Dr. Álvaro Maia, que tinha no seu mano Dr. Antônio Maia excelente colaborador. Ambos temiam o despotismo militar e acovardavam-se diante das exigências dos pretensos reformadores da fáceis da capital. Aqueles que escreveram a biografia do excelente mestre de Língua Portuguesa e de Educação Moral e Cívica, não se reportam a essas e outras arbitrariedades cometidas em quinze anos de governo, quando foram alienadas as praças do Rio Branco, de Floriano Peixoto, do General Glicério, do General Osório, arrasado vandalicamente o cemitério de São João, doado o Bosque Municipal ao 27 BC, destruída a repesa da Cachoeira Grande (as pedras serviram para fazer a piscina no mesmo bosque). E outras irregularidades dignas de repúdio.

Largo e praça da Saudade. Até a gestão Araújo Lima a praça era deserta e servia para a instalação de circos e renhidos encontros pebolísticos. Só havia no centro uma estação meteorológica, retirada quando aquele prefeito resolveu urbanizar o trecho. Chama-se oficialmente praça de Cinco de Setembro e o local onde foi aberto o cemitério, Costa da África. Para ali iam os elementos africanos libertados, que formaram uma colônia, com alguns perigosos espécimes do tipo salteador de estradas. O nome Saudade é discutível. Veja minha obra em dois volumes, *Roteiro histórico de Manaus*, ilustrado, Manaus, 1998. Publicação da UA. O prefeito dotou a praça com bancos de concreto e quatro pérgulas (uma de cada lado) festivamente cobertas de bougainville, e ornou-a com acácias. Após a revolução de 1930, o prefeito tenente Emanuel Morais fez trasladar o monumento a Tenreiro Aranha, que ficara na praça de Tamandaré, misturado com as carroças de condução e os vagabundos. Hoje a praça contém um edifício que ao tempo de sua construção foi apelidado "eletrola", pela vaga semelhança com aquele móvel, pois estava montado sobre quatro colunas de concreto, inclinadas, um exemplar arquitetônico de agradável harmonia, que mexeu com a idiossincrasia do governador Dr. Arthur Reis, que simplesmente mandou "encher" os vãos entre as patas, a fim do obter maior rendimento funcional. Esta era a desculpa (razão de cabo de esquadra), mas realmente foi para prejudicar a obra do prefeito Gilberto Mestrinho. Depois vejo o jornalista Josué Cláudio de Souza, que pretendeu "embelezar o ambiente vazio da praça" construindo enorme tanque com duas figuras de bronze fundidas em Manaus. A descaracterização do logradouro continua com a colocação de pequeno avião DC-3, mais tarde retirado, e até um "memoriam" protestante (batista), ajudou a formalizar a bagunça iniciada pelo jornalista, que aproveitou o tempo para estragar os jardins da Matriz, danificando as obras de arte planejadas pelo urbanista francês monsieur Leon Paulard. Foi este quem planejou o traçado do jardim da praça popularmente chamada da Polícia, no início largo do Aterro, hoje praça de Heliodoro Balbi. Sem dúvida é a mais bonita e mal conservada praça de Manaus, pela sobrevivência de seus ornamentos metálicos e lagos e ponte de concreto imitando madeira, no mesmo estilo do jardim lateral da Matriz. Os ornamentos que sobreviveram à devastação articida são as figuras no estilo Império, de ferro fundido, originárias de estaleiros franceses: Mercúrio, deus

grego do Comércio, Diana, a caçadora, e o grupo cão-javali, além do quiosque. Ao lado deste havia uma gruta de pedra tosca, com fonte de água corrente alimentando o próximo lago, onde espécimes da itiologia amazônica ajudavam a entreter os passantes. E um bebedouro de ferro em forma de templo. Quando prefeito de plantão o Dr. Ademar Thury, o coronel Barbato, que se tornou célebre em Manaus pelas suas arbitrariedades como comandante da PM mandou destruir a gruta, sob o pretexto de que cidadãos a estavam utilizando como refúgio amoroso, pela madruga. Na profícua gestão municipal do Dr. Araújo Lima a praça sofreu reformulações: o grupo cão-javali foi mandado para a praça defronte do Hotel Ajuricaba (depois Amazonas), praça que o povo passou a chamar "do Povo", e o bebedouro ficou plantado em frente ao cinema Politheama, de onde misteriosamente desapareceu, no governo do Sr. Plínio Ramos Coelho, quando se pretendeu arborizar a avenida de Treze de Maio, com transplantação imediata de eucaliptos adultos. As árvores secaram, morreram, e o povo passou a chamá-la Avenida do Pau Seco. O autor dessa idéia foi o leigo Arão Perdigão Benevides, caçula do coronel PM Sinésio Benevides. Do lado da praça geminada de Teodoro Roosevelt, foi construído o templo monóptero que o povo passou a chamar "cuscuz" por causa da pintura amarela da casquete. O projeto é da autoria do professor Coriolano Durand, ao tempo do prefeito Dr. Araújo Lima. O estilo grego do pequeno templo pagão não convence muito, pois foi estilizado, certamente. As colunas foram aproveitadas do material sobrante da devastação promovida no Teatro Amazonas pelo professor Olímpio de Meneses, nessa época.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura